

## CONSIDERAÇÕES SOBRE O ARTIGO: "RELEVO BRASILEIRO - UMA NOVA PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO"<sup>1</sup>

NILZA APARECIDA FRERES\*

Os estudos geográficos estão em plena expansão no Brasil, o que é revelado por um lado, pela quantidade de trabalhos de pesquisa sobre os mais variados temas, e por outro lado, o que é mais importante, pelo aumento progressivo das reflexões sobre as implicações metodológicas e técnicas da sua própria realização. É neste contexto que colocamos o artigo do Prof. Dr. Jurandyr Luciano Sanches Ross que busca facilitar o conhecimento do Relevo Brasileiro através de uma nova proposta de classificação.

Nossa preocupação ao analisar o artigo não foi a de efetuar uma relação completa dos estudos já realizados, para avaliar a situação atual dos conhecimentos relativos às formas predominantes do relevo brasileiro, mas a de abordar a importância da temática em si.

---

<sup>1</sup>O artigo foi escrito pelo Prof. Dr. Jurandyr Luciano Sanches Ross, da USP, publicado na Revista do Departamento de Geografia da USP, nº 4-1985.

\*Professora Doutora do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina e Diretora do Núcleo de Estudos do Meio Ambiente da UEL.

As propostas existentes valorizam com frequência as dificuldades que se têm para o estabelecimento de uma adequada classificação.

Ross afirma que os problemas que impedem o bom entendimento do conhecimento do relevo brasileiro, quase sempre são decorrentes da grande extensão do território brasileiro, da fraca atividade de pesquisa básica e inclusive da complexidade dos padrões de forma, que o relevo brasileiro apresenta. Apesar que de modo simplista o território nacional é tido como de relevo de altitudes modestas, constituído por antigas estruturas e "**velhos planaltos**", associados a algumas planícies de gênese recente, na realidade sabemos que o grau de complexidade que envolve esta temática é bastante elevado.

Temos contribuições de muitos pesquisadores em relação às caracterizações, classificações, análises das formas de relevo, sobretudo da Geomorfologia, a qual constitui um ramo da Geografia, de alta relevância, pois pode refletir todo o processo genético da morfoestrutura da Terra.

Não se pode jamais confundir o que é idade e gênese das formas com idade e gênese das estruturas, pois se as estruturas e litologias são predominantemente antigas, o mesmo não se aplica às formas de relevo que podem ser muito mais recentes.

Valiosas contribuições também foram dadas por Geólogos, Geomorfólogos e Geógrafos, a fim de oferecer subsídios à melhor compreensão dessa temática. São exemplos os vários trabalhos de Derby (1984), Delgado de Carvalho (1923), Aroldo de Azevedo (1949), Ab'Saber (1949, 1962, 1964, 1969, 1970 e 1971), Ross (1985). Por estarem intimamente relacionados com a Geografia Física, estes autores nos deram a base para a compreensão da dinâmica dos processos atuais na esculturação das formas de relevo, apoiando-se na relação

cobertura vegetal, tipo de clima e modelado predominante do relevo.

Os estudos relativos ao Relevo Brasileiro não esgotaram o assunto e devem continuar existindo a fim de fornecer um aprofundamento maior ainda no tocante a uma mais simplificada classificação do relevo brasileiro.

Com eles muito aprendemos e também nos colocaram numa posição muito melhor que as gerações passadas para a identificação e registro das grandes unidades geomorfológicas através das morfoestruturas de um lado ou então dos domínios morfoclimáticos de outro, embora saibamos que tanto uma classificação quanto outra apresentam problemas sérios, pois a geometria das formas fica praticamente esquecida.

As considerações arroladas por Ross que antecedem a classificação por ele proposta, estão permeadas da nítida confusão que se nos aparece entre as idades e gêneses das estruturas de um lado e as das formas de relevo esculpidas sobre as primeiras, de outro. Está claro que há uma dificuldade muito grande em se estabelecer a nível de generalização uma adequada classificação para o relevo brasileiro. Mas o artigo em questão está muito rico em conteúdo e o autor discorre tentando delinear algumas trajetórias confrontando classificações antigas do relevo brasileiro com as mais modernas, chegando à elaboração da sua proposta de classificação.

Foi baseado na concepção de Mescherikov (1968) relativa às noções de morfoestrutura, morfoclimática e morfoescultura que esclarece e permite uma solução para a classificação e representação do relevo terrestre, diferente das até então elaboradas, que Ross apresenta esta nova proposta de classificação do relevo Brasileiro, que leva em consideração o estrutural, valorizando o modelado representado pelas macro-compartimentações que o nosso relevo apresenta: 0

1º taxon. considerado segundo o texto em análise, e eminentemente geomorfológico, representado pelos Planaltos, Depressões e Planícies. O 2º taxon tenta classificar os planaltos em função do caráter estrutural que apresentam e deste modo surgem os Planaltos esculpidos em: Bacias Sedimentares; Intrusões e Coberturas Residuais de Plataforma; Núcleos Cristalinos Arqueados; Cinturões Orogênicos. O 3º taxon é o que define nominalmente cada uma das unidades morfoestruturais. Este se aplica tanto aos planaltos como às depressões e planícies.

Dentro dessa concepção teórico-metodológica Ross propôs vinte e oito macro unidades geomorfológicas que foram denominadas de unidades morfoestruturais.

Nossa focalização reside em mostrar as preocupações neste campo, nas últimas décadas, em decorrência também dos livros didáticos de Geografia para 1º e 2º graus, editados atualmente mostrarem-se extremamente desatualizados no que se refere a novos conhecimentos que se têm a respeito do relevo brasileiro.

A necessidade da abordagem desta temática, no entanto, se torna bastante justificável na medida em que esses estudos demandam uma participação efetiva do geógrafo físico, pois seus principais fundamentos constituem conteúdos desta área de conhecimento.

Outro aspecto importante que a metodologia apresenta e deve ser ressaltada, é que se tornou necessário estabelecer um elevado grau de generalização e simplificação para a obtenção de um quadro síntese dos macro compartimentos do relevo brasileiro. Como frisou Ross, a finalidade é didática, voltada para o ensino de Geografia Física de 1º e 2º graus, portanto não há grandes problemas nessa simplificação. A síntese descritiva das unidades morfoestruturais, apenas faz uma rápida referência a cada uma delas, portanto estudos mais aprofundados sobre o assunto devem continuar, principal-

mente devido ao elevado grau de complexidade que o tema envolve.

No entanto emerge neste trabalho um novo modo de encarar a classificação do relevo brasileiro quanto a sua taxonomia que supera a visão herdada até nossos dias. Concluindo estas observações vale a pena destacar que a proposta de Ross avança em relação aos outros autores mencionados e traz para o nosso meio uma ótica mais clara na identificação das macro unidades do relevo brasileiro, haja visto a figura 1, na qual o autor apresenta uma generalização acentuada com um quadro síntese dos macrocompartimentos do relevo do país.

O artigo traz uma nova proposta, formulada a partir de um trabalho que o pesquisador vem desenvolvendo há algum tempo, como sabemos, e o mais importante é que aponta para uma nova postura e uma nova forma de ação para nós, pesquisadores que interessamos pelo assunto.

Apresenta-nos uma oportunidade de discutir suas reflexões e sua prática, oferecendo a possibilidade de continuidade nesse tipo de pesquisa.

## BIBLIOGRAFIA CITADA

- AB'SABER, Aziz Nacib. Regiões de circundenudação pós-cretáceas no planalto brasileiro. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 1, 1949.
- \_\_\_\_\_. O relevo brasileiro e seus problemas. Brasil a Terra e o Homem, v. 1, cap. III, São Paulo: Cia Editorial Nacional, 1964. (Org. por um grupo de Geógrafos sob a direção de Aroldo Azevedo).
- \_\_\_\_\_. Províncias geológicas e domínios morfoclimáticos no Brasil. Geomorfologia 20. IGEOG/USP, São Paulo, 1969.
- \_\_\_\_\_. Da participação das depressões periféricas e superfícies aplainadas na compartimentação do Planalto Brasileiro. Geomorfologia 28, IGEOG/USP; São Paulo, 1972.
- AZEVEDO, A. Brasil a Terra e o Homem, v. 1, São Paulo: Cia Editora Nacional, 1964.
- DERBY, O. A. Relevo, estrutura e drenagem do Brasil, in Boletim Paulista de Geografia, n. 34, São Paulo, 1960.
- ROSS; J.L.S. Relevo Brasileiro: uma nova proposta de classificação, in Revista do Departamento de Geografia, n. 4, FFLCH/USP, São Paulo, 1985.